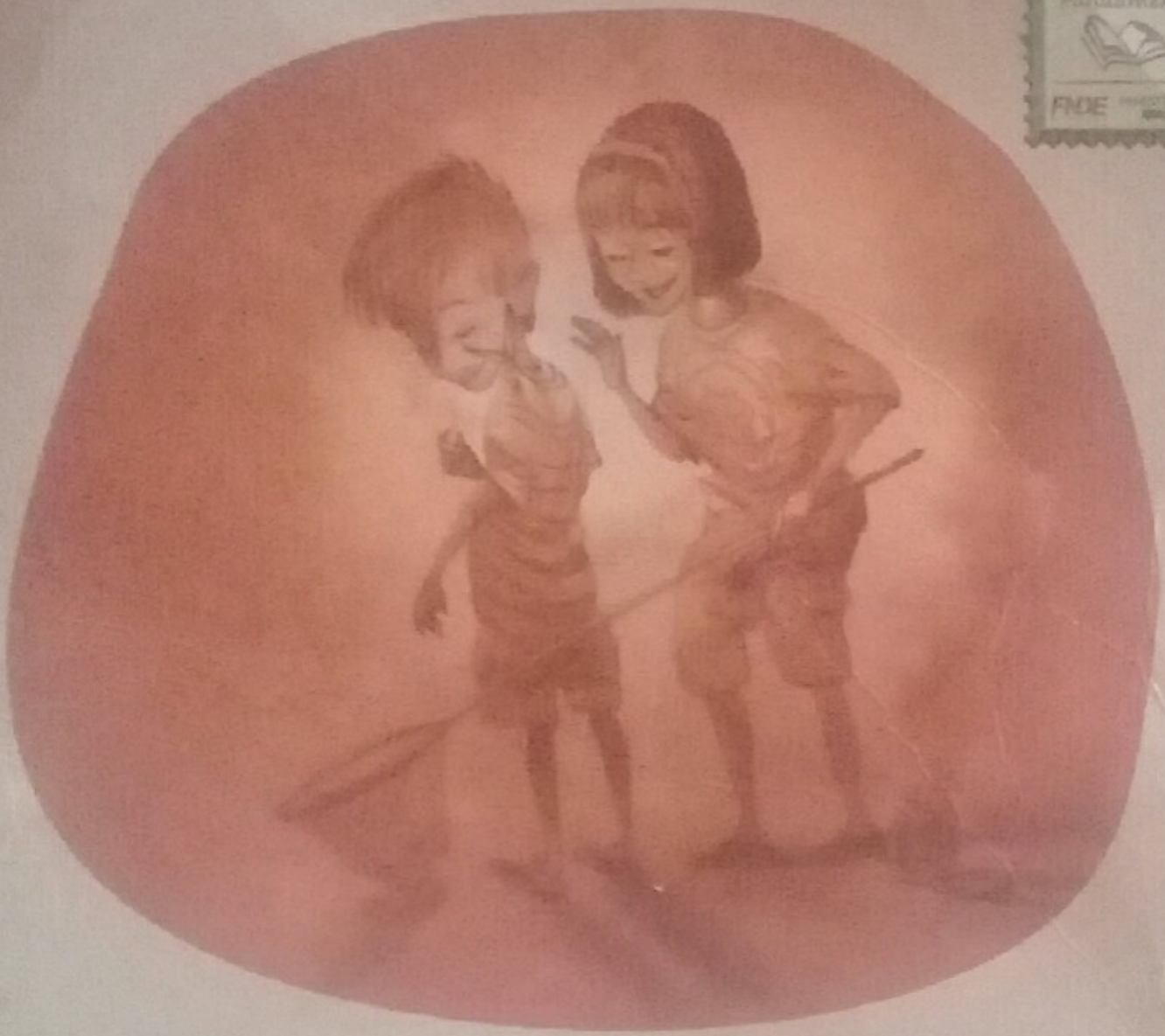
Eva Furnari

PNLD
Literário
Ensino
Fundamental
FNDE

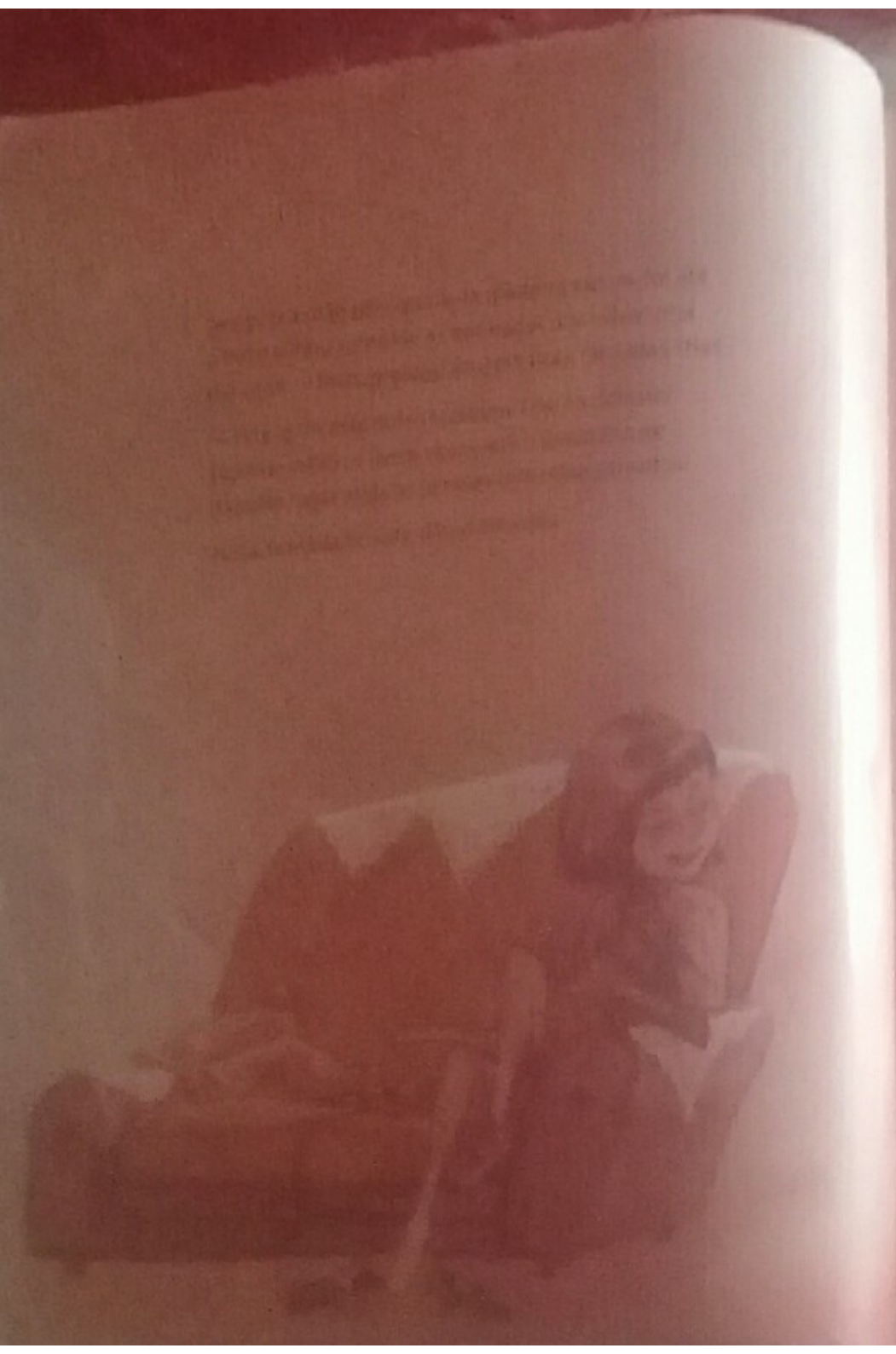


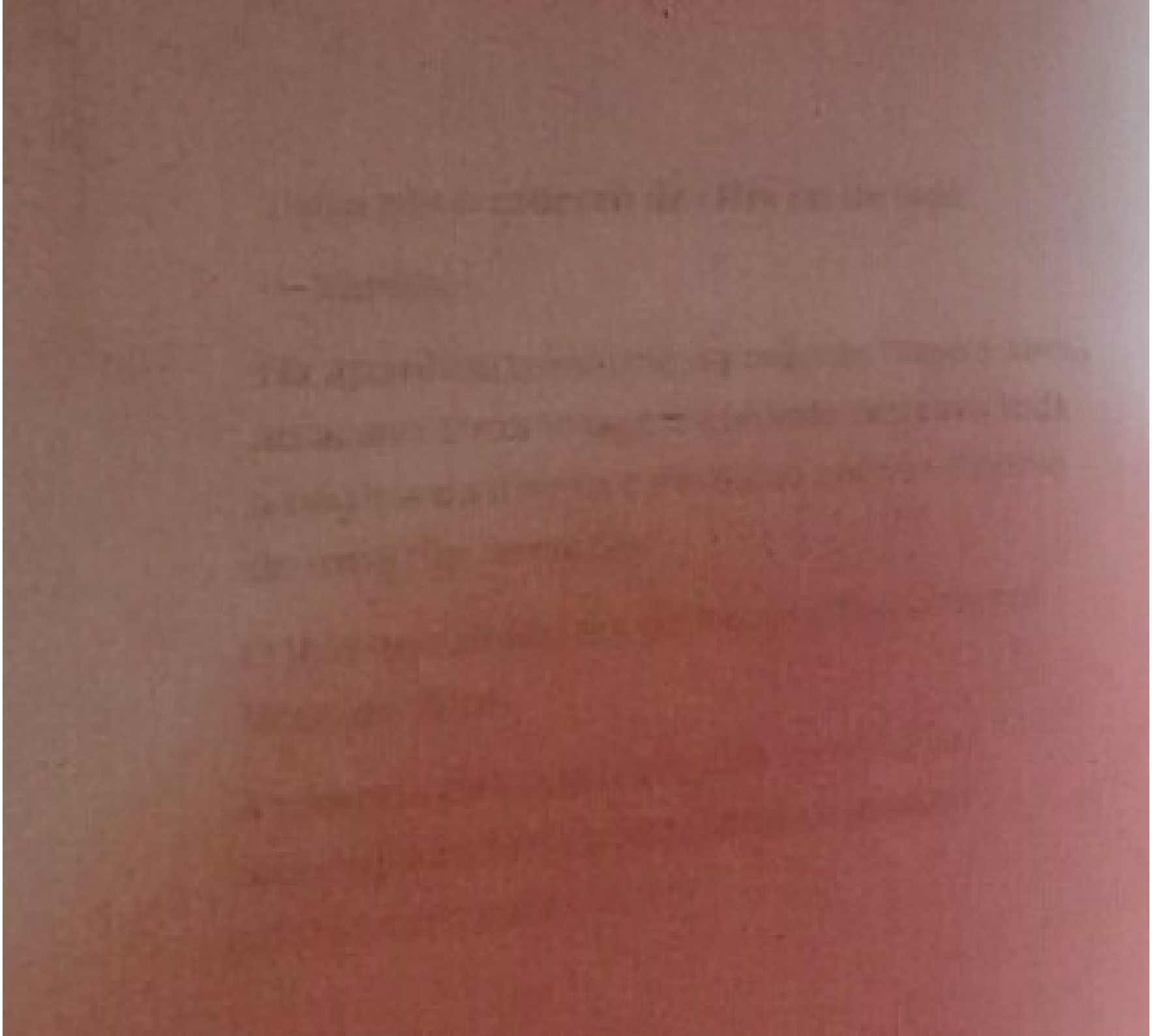
Amarílis

Ilustrações Cárcamo

Seduc

Amarílis





Depois de se demorar um bom tempo na figura, Lúcia comenta:

— É a fotografia de uma planta: as folhas são finas e compridas, saem da parte de baixo e depois caem para os lados. Aí, de repente, do meio delas sai um caule reto bem reto, que vai pra cima todo esticado.

— Esticado como as costas do meu violino!

— Isso mas não tão fino.

— É grosso como a bengala da vovó?

— É só que mais curto. Ele é mais fino do que quente e dá a impressão de ser oco por dentro. Aqui pra ler certeza a gente só ler que cortar.

— Ai, que dor.

— Se a gente cortar a flor vai morrer.

— Ah! A planta tem uma flor?

— Tem, tem duas e elas são igualzinhas, totalmente idênticas.

— Gêmeas?

— Sim, são gêmeas. Olha só que engraçado, elas têm o mesmo vestido, uma pra cima Amarilis e a outra também.

— Isso deve dar muita confusão na casa delas.

— Estou vendo que uma vai para um lado e a outra para o outro.

— Uma de costas pra outra? Elas estão de mal uma?

— Uma foi colada por uma borboleta.

— E depois, no dia seguinte, quando a Malvona viu as Amarilis de costas, também não suportou a amizade delas, o tanto que elas falavam, riam e cochichavam. À meia-noite, entrou *de novo* no quarto delas, espirrou o pó mágico e, *zak-zun*, enfeitiçou as princesas pela segunda vez.

— Outra vez? Que malvadona!

— Desta vez as florzinhas ficaram mudas, não podiam falar nem mais uma palavrica de nada!

— Ai, que medo, Lu. A minha festa de sete anos está chegando e se essa bruxa-flor ficar irritada porque eu falo demais e vier me enfeitiçar? Imaginou, eu de costas pra você a vida toda! Vou ter que chorar muito, Lu.

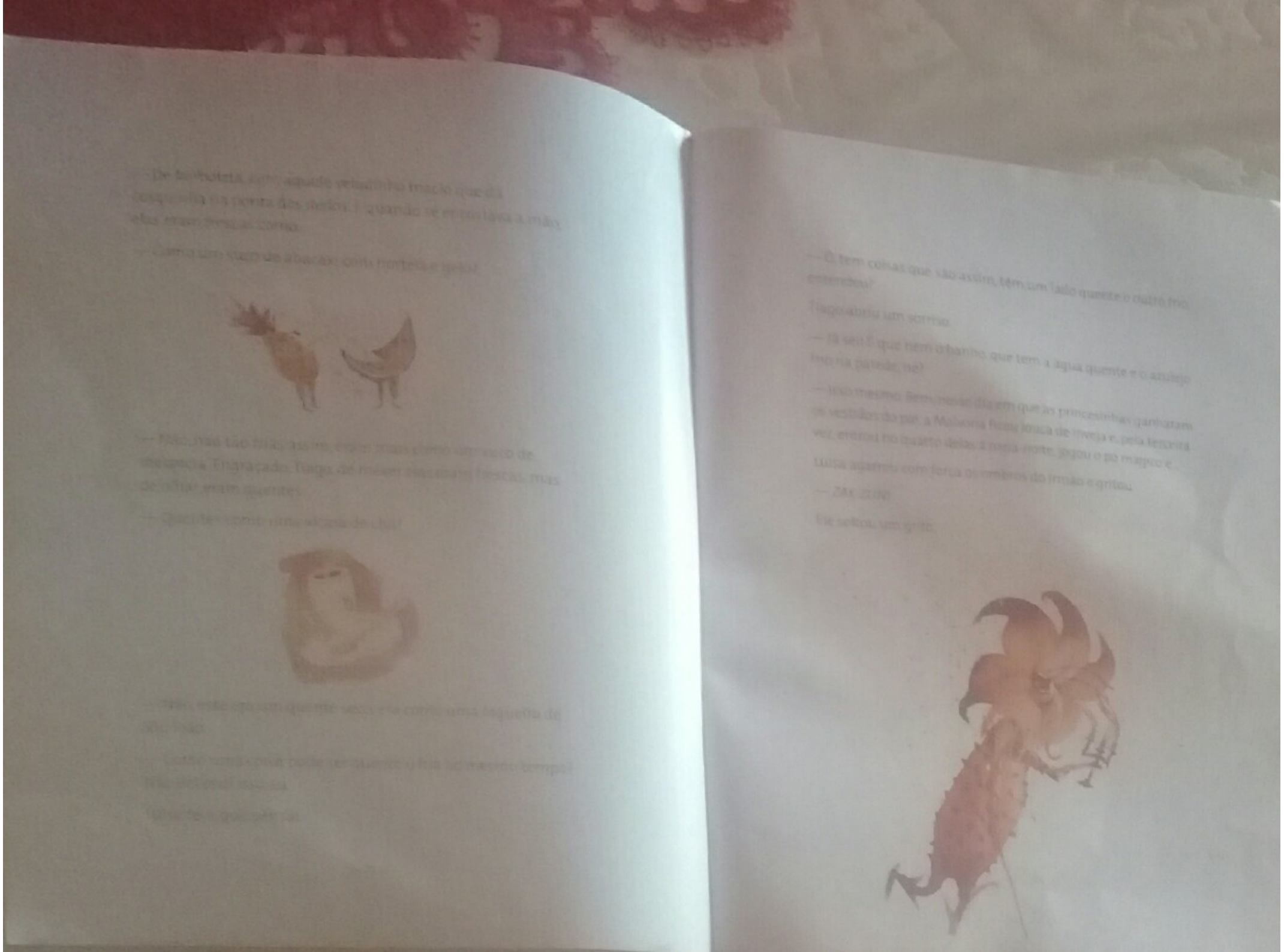
— Bobagem, Tiago. Esta é uma história inventada, inventadíssima.

— Jura?

— Juro.

— Então tá.

Luísa prosseguiu.



— A madrasta enfeitiçou as duas de novo, outra vez! Ela não suportou a beleza das princesinhas e, desta vez, transformou os vestidos delas em trapos. Estou vendo aqui na página da esquerda, tem uma foto com as flores: os vestidos muito, muito estragados. Uma ficou com a roupa toda seca e retorcida, se tocasse, ela esfarelava e, pior, cheirava a fundo de gaveta de um móvel de um casarão mal-assombrado.

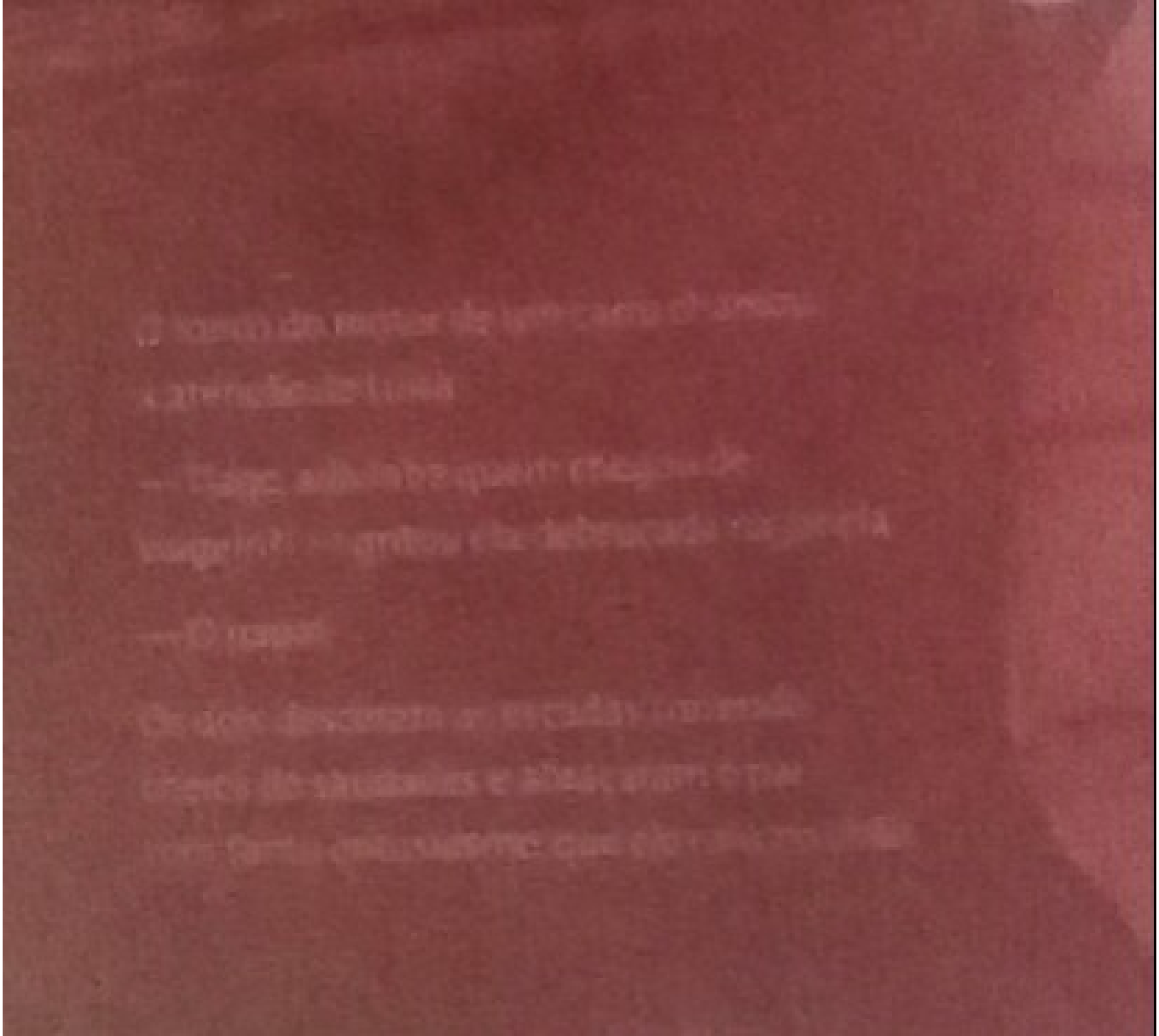
Tiago gemeu.

— A outra ficou com a roupa toda rasgada. Em vez do veludinho macio, o tecido ficou caído como uma beringela murcha e, se a gente amassasse, soltava uma gosma visguenta com cheiro de intestino de minhoca. Além do mais, as fitinhas, em vez de alegrar o vestido, entristeciam, viraram uns fianos de vômito grudento de um... um...

— Um bode!

— Um bode que comeu um mingau azedo!

Tiago gargalhou.



À noite, antes de dormir, Luísa apanhou um caderno descomunhado que guardava embaixo do colchão e escreveu a história das Amarílis. Mudou alguns detalhes para deixar o conto mais dramático: fez a Malvona mais cruel e casou o Rei com uma flor boa que adorava as princesinhas. Ao terminar, sorriu orgulhosa de sua criação, achando que a melhor parte eram as coisinhas que tinha inventado para fazer os ouvidos do irmão escutarem como se fossem olhos.

Tiago não enxergava e a irmã cantava as histórias com texturas, consistências, temperaturas, volumes, sons. Tateava para escolher as palavras certas, o desafio era esse: as palavras deviam brilhar onde havia luz, congelar nas cores frias, ferver nas cores quentes, engordar nos volumes, ter espinhos nas asperezas.

Assim, Luísa ficou íntima das palavras e, do jogo dos irmãos, nasceu o amor pelas histórias e desse amor nasceram livros que ela iniciava sempre com a mesma dedicatória.

Para Tiago, que iluminou o meu caminho.

A AUTORA E O ILUSTRADOR

PARA SABER MAIS